

## **Facebook e o compartilhamento de memórias da cidade no coletivo digital**

\*Rafaella Prata Rabello,  
\*\*Christina Ferras Musse

\*Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Minas Gerais. MG. Brasil  
Contato com a autora: rafaella\_prata@hotmail.com.  
\*\*Contato com a autora: musse@terra.com.br

**Resumo:** O artigo tem como objetivo analisar o processo de rememoração que é realizado na *fanpage* do *Facebook* “Maria do Resguardo”, criada em Juiz de Fora, Minas Gerais, em 2009, com 5.887 curtidas. Através das fotografias postadas e dos comentários partilhados pelos internautas, é construída uma narrativa sobre a cidade, que transcende o espaço público “real”, criando uma “cidade imaginada”. A partir dos conceitos de memória e esquecimento, procura-se selecionar categorias que definem essas lembranças. Utilizamos como metodologia a análise de conteúdo (AC) de trinta publicações da *fanpage* com maior alcance na amostra dos meses de maio, julho e setembro de 2014. São analisadas as fotos postadas e os comentários, com o objetivo de perceber que tipo de narrativa é privilegiado nas imagens, o registro do monumental ou o do cotidiano, e os comentários sobre as mesmas, informacional, nostálgico ou crítico.

**Palavras-chave:** Comunicação. *Fanpage*. Cidade. Memória. *Facebook*.

**Abstract:** **Facebook and the city’s memory sharing within the collective digital.** The article aims at analyzing the remembering process, which is shown at “Maria do Resguardo” Facebook fanpage, which was created in Juiz de Fora, Minas Gerais, Brazil, in 2009, **with an amount of 5,887 browses**. Through the posted pictures and the internet users’ shared comments, it is created a narrative about the city, which transcends the “real” public space, thus creating an “imagined city”. From the concepts of memory and forgetfulness, one seeks for selecting categories likely to define such remembrances. The prescribed methodology was Content Analysis (CA) to the thirty fanpage publications that have had greater reach, based in May, July and September 2014 sampling. The posted photos and comments are analyzed, in order to find out the kind of narrative is privileged in the images, the record of either the monumental or the quotidian, and the informational, nostalgic or critical comments that are made on them.

**Keywords:** Communication. Fanpage. City. Memory. Facebook.



## 1 Introdução

Juiz de Fora é um município brasileiro no interior do estado de Minas Gerais. Localiza-se a sudeste da capital do estado (Belo Horizonte), distando cerca de 283 km. Com população estimada em 550.110 habitantes no ano de 2014, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística<sup>1</sup>, é o quarto município mais populoso de Minas Gerais e o 36º do Brasil. Atualmente, algumas experiências memorialísticas da cidade estão concentradas na *web*, nas redes sociais, onde grupos de amigos compartilham fotografias antigas da cidade. Neste trabalho, estudamos a *fanpage* (página do *Facebook*) — “Maria do Resguardo”<sup>2</sup>, com 5.887 curtidas, que derivou dos trabalhos do *blog* homônimo, criado em 2009, na cidade de Juiz de Fora. O *blog*<sup>3</sup> disponibiliza imagens com postagens diárias, tem 310 membros e possui mais de 990 mil acessos. De acordo com o gestor, Marcelo Lemos, já foram postadas 15 mil imagens e o trabalho deve se perpetuar pelos próximos dez anos. Optamos por estudar a *fanpage*, visto que o *Facebook* é a maior rede social do mundo: possui 1,44 bilhão de usuários<sup>4</sup>. Além da grande popularidade entre os brasileiros, que acessam e publicam diariamente em seus perfis, comentam publicações de *fanpages* e compartilham diversos conteúdos.

A escolha do objeto de pesquisa se justifica pela tradição visual de Juiz de Fora que desde o Brasil Império tem na fotografia uma das formas mais expressivas de registro do seu cotidiano. Tanto que o acervo da coleção de fotografias oitocentistas do Museu Mariano Procópio é referência para todo o país<sup>5</sup>. Além disso, por ter sido uma cidade com grande expressão na imprensa<sup>6</sup>, existem fotos de vários acontecimentos históricos do século XX, inclusive do golpe militar, que partiu da cidade e, em 2014, completou 50 anos. No campo do audiovisual, devemos citar João Gonçalves Carriço (1886 - 1959), que foi um dos pioneiros

<sup>1</sup> Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=313670>> Acesso em: 05 jul. 2015.

<sup>2</sup> *Fanpage* “Maria do Resguardo”.

Disponível em: <[https://www.facebook.com/MariadoResguardo?ref=aymt\\_homepage\\_panel](https://www.facebook.com/MariadoResguardo?ref=aymt_homepage_panel)> Acesso em: 10 ago. 2015.

<sup>3</sup> *Blog* “Maria do Resguardo”. Disponível em: <<http://www.mariadoresguardo.com.br/>> Acesso em: 10 ago. 2015.

<sup>4</sup> Usuários do *Facebook*. Disponível em: <<http://www.techtudo.com.br/listas/noticia/2015/04/facebook-revela-total-de-usuarios-de-whatsapp-instagram-videos-e-mais.html>> Acesso em: 10 ago. 2015.

<sup>5</sup> Disponível

em: <<http://www.uel.br/eventos/eneimagem/2013/anais2013/trabalhos/pdf/Rosane%20Carmanini%20Ferraz.pdf>> Acesso em: 10 ago. 2015.

<sup>6</sup> Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2007/resumos/R0083-1.pdf>> Acesso em: ago. 2015.



Rafaella Prata Rabello; Christina Ferras Musse

do cinema brasileiro: fundou em 1934 a Carriço Film, passando a produzir cinejornais e documentários, os quais retratavam a vida social e política da cidade, como, por exemplo, as visitas do presidente Getúlio Vargas, festas populares e religiosas, eventos esportivos, além das primeiras experiências de transmissão de televisão em Juiz de Fora.

A veia memorialística da cidade também pode ser levada em conta: Pedro Nava (2012), maior expoente do memorialismo no Brasil, nasceu na cidade e dedicou boa parte de sua obra a remontar os fragmentos da urbe do seu tempo. Em sua obra, Nava (2012) retrata o cotidiano e a vida da cidade do início do século XX, de uma Juiz de Fora imaginada, de ruas, casas e lugares. Para a escritora Rachel Jardim, também nascida na cidade, a memória dos cheiros e ruídos está presente nesta ressignificação imaginária. Ao “postar” fotos antigas, o *blog* e a *fanpage* criada em torno do tema “fotografias antigas de Juiz de Fora” criam um laço comum: o da ressignificação espacial da memória da cidade, suas ruas, seus monumentos e seus personagens. Tal como a Juiz de Fora que persistiu na memória de Pedro Nava e de Rachel Jardim, também a Juiz de Fora presente no *blog* e no *Facebook* é uma cidade imaginária e imaginada. A memória visual da cidade é atizada pelas fotografias apresentadas no ambiente virtual, permitindo a manipulação e a reprodução de imagens.

O fenômeno das redes sociais *on-line* é bem recente e nasceu de uma tendência natural do crescimento da internet em relação à criação de espaços de participação dos usuários. A primeira evolução na interação dos internautas com a internet foi o surgimento da ferramenta de criação dos *blogs*. A etapa seguinte na evolução histórica da internet em relação à interação com os usuários foi o surgimento da *web 2.0*<sup>7</sup>. A ideia por trás do conceito da *web 2.0* é justamente a possibilidade de interação do público com a internet, através de ferramentas de *wikis*<sup>8</sup>, postando vídeos no *YouTube* ou comentando assuntos em *sites* de notícias. As redes sociais substituíram, em larga escala, a experiência das pessoas com os *blogs* e os comunicadores instantâneos (tais como *MSN*, *ICQ*), que eram os grandes atrativos da comunicação mediada pelos computadores na internet 1.0.

O *Facebook* foi criado<sup>9</sup> em 4 de novembro de 2004 por Mark Zuckerberg e outros alunos de Harvard, com o objetivo de conectar estudantes dessa universidade e,

<sup>7</sup> Disponível em: <<http://www.brasile scola.com/informatica/web-20.htm>> Acesso em: 02 ago. 2015.

<sup>8</sup> O termo *wiki* é utilizado para identificar um tipo específico de coleção de documentos em hipertexto.

<sup>9</sup> Disponível em: <<http://www.agenciars.com.br/blog/historia-do-facebook-mark-zuckerberg/>> Acesso em 02: ago. 2015.



### *Facebook* e o compartilhamento de memórias da cidade no coletivo digital

posteriormente, se estendeu a outras faculdades de Boston, nos EUA, Europa, e finalmente se espalhou para o mundo inteiro. Segundo dados<sup>10</sup> divulgados pelo *Facebook* sobre a sua versão brasileira, são postados ao mês 460 milhões de fotografias nessa rede social. E oito em cada dez brasileiros possui uma conta no *Facebook*<sup>11</sup>, segundo levantamento, em agosto de 2014, divulgado pela rede social, que indica que 89 milhões de brasileiros se conectam à rede todos os meses. Diariamente, 59 milhões de brasileiros, ou 66,2% do total de usuários, entram nesta rede social *on-line*. De acordo com a empresa, os acessos móveis subiram 55% no país entre abril e julho de 2014. Isso quer dizer que 68 milhões de pessoas acessam suas contas no *Facebook* por meio de aplicativos e de dispositivos móveis.

## **2 As narrativas na internet**

A natureza comunicacional do ciberespaço articula a informação, a tecnologia e a memória. Interessa-nos compreender sua condição de propiciar meios de memória social. Também observamos na internet características estudadas por Murray (2003), de que os ambientes digitais são: procedimentais, participativos, espaciais e enciclopédicos. Estes meios são procedimentais e participativos porque funcionam como um motor, no qual os procedimentos colaboram com as estruturas das narrativas, já que as redes sociais fomentam os registros da memória cotidiana, apresentando ferramentas e formas de elaboração de narrativas com lembranças individuais e coletivas levando a participações interativas. Devido à imersão dos ambientes digitais, a autora afirma que eles favorecem a espacialidade<sup>12</sup> e o enciclopedismo<sup>13</sup>. Segundo ela, a internet permite a criação de narrativas em forma de mosaicos, criando justaposições e possibilitando uma leitura da memória social através das junções de seus vários pedaços. Nesse sentido,

---

<sup>10</sup>Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/link/os-numeros-do-facebook-no-brasil/>> Acesso em: 05 ago. 2015.

<sup>11</sup>Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/08/oito-cada-dez-internautas-do-brasil-estao-no-facebook-diz-rede-social.html>> Acesso em: 02 ago. 2015.

<sup>12</sup>É uma ilusão de sentido que acontece com o usuário: eles percebem os eventos com uma noção de tempo presente como se a realidade já estivesse pronta e acabada.

<sup>13</sup>Refere-se ao entendimento de que os ambientes digitais criados pelo computador estariam estendendo a memória humana para proporções enciclopédicas. Murray aponta, por exemplo, que a capacidade média de armazenamento em um DVD seria capaz de compreender o equivalente a 5.300 livros em um espaço reduzido.



Rafaella Prata Rabello; Christina Ferras Musse

[...] o computador oferece-nos maneiras de dominar a fragmentação. [...] Ele nos proporciona um caleidoscópio multidimensional, com o qual podemos reagrupar os fragmentos tantas vezes quantas quisermos, e permite que transitemos entre padrões alternados de organização em mosaicos (MURRAY, 2003, p. 155).

Com base nos mosaicos de fragmentos que encontramos em redes sociais *on-line*, podemos engendrar mapas de significados ao investigarmos micronarrativas<sup>14</sup> localizadas nas expressões memorialísticas nas quais ocorre uma apropriação desses tempos de outrora, construindo, perpetuando, fixando e dando a ver um imaginário sobre a cidade.

Figueiredo (2010) defende a revalorização da narrativa como instância de organização da experiência.

As micronarrativas passam a ser consideradas também como um recurso utilizado pelo indivíduo, em sua solidão existencial, para se conectar com o outro e para reatar os fios partidos das narrativas identitárias, assumindo-se como centro de definição do sentido de sua própria vida. As narrativas locais de experiências vividas se oporiam, tanto à temporalidade associada ao progresso pela modernidade, quanto ao esvaziamento do tempo operado pelo cibercapitalismo e pela globalização (FIGUEIREDO, 2010, p. 88).

Através de inúmeros comentários surgem reescritas da história da cidade com trocas afetivas. Elas são fruto da lembrança e do esquecimento das pessoas em relação à cidade pretérita. Os habitantes buscam encontrar nas fotografias postadas, tempos e espaços que constituem a pequena história pessoal de cada interagente, mas que pertencem à memória coletiva da cidade. As páginas promovem uma circulação de narrativas contagiadas por valores simbólicos e textos múltiplos e fragmentados, que são implodidos pela condição pós-moderna. São outros sentidos e relações em que o lastro afetivo é sem compromisso com a objetividade e a legitimidade histórica. No meio fluido e em fluxos da internet os retalhos da cidade são costurados em escritas autobiográficas numa comunicação rápida e fugidia.

O indivíduo é transformado pela virtualidade. Figueiredo (2010) comenta que nas construções contemporâneas aquele que narra passa a ser valorizado como lugar de ancoragem, na primeira pessoa, sem que seu relato precise respeitar o pacto de relação com o formato das mídias. O usuário mantém o elo com o real em função de ser a voz que narra, de

---

<sup>14</sup> Etimologicamente, uma micronarrativa é uma pequena narrativa, mas não devemos limitar o conceito. Micronarrativa é o oposto de metanarrativa, no sentido em que Lyotard (1989) discute a formulação da condição pós-moderna. As pequenas narrativas não exigem o controle total da informação, são fragmentos em todos os domínios científicos e dificilmente podem apontar para uma única linguagem universal capaz de explicar a universalidade dos fenômenos.



*Facebook* e o compartilhamento de memórias da cidade no coletivo digital

sua autorreferência. O que passa a importar é o seu olhar perante a comunidade ou grupo. A autora também distingue as diferentes produções e estabelece uma prioridade:

Em meio à guerra de relatos, toma-se partido daquele que parte do indivíduo comum, não porque seja mais fiel aos fatos, mas porque tem a marca pessoal, constituindo um esforço voltado para a construção da memória, da identidade e do sentido (FIGUEIREIDO, 2010, p. 94).

A veiculação na internet permite a visibilidade e a troca de mensagens sobre imagens e fotos da vida privada e pública. O homem comum, que registra as fotos e elas acabam publicadas, participa com frequência de grupos sobre as lembranças de cidades e embora o espaço urbano não seja sempre registrado por amadores, eles ocupam a posição narrativa de modo favorável pelo viés da memória, com fragmentos que possuem dos lugares ou personagens nas fotos postadas.

### **3 *Facebook* como espaço convergente de memórias da cidade**

Na contemporaneidade, a fragmentação do tempo e espaço têm levado a transformações constantes de identidade ou até mesmo, como afirmam certos autores, à perda da identidade fixa e constante. Isto pode acontecer pela falta de sentido da cidade “real”, o que levaria à procura por uma cidade “ideal”, “imaginária”. E deste modo a cidade imaginária estará contaminada por referências de cheiros, imagens, textos... Para Marc Augé (1998, p. 83), o termo não-lugar antropológico designa “[...] duas realidades complementares, mas distintas. Espaços constituídos em relação a certos fins (transporte, trânsito, comércio, lazer), e a relação que os indivíduos estabelecem com esses espaços.” O seu crescimento, associado ao aumento de circulação, da comunicação e do consumo, implica cada vez mais a construção de “não-lugares” na sociedade globalizada: auto estradas, grandes supermercados, centros comerciais, aeroportos, entre outros. Estes espaços, que nos facilitam a circulação, o consumo e a comunicação são opostos aos “lugares antropológicos” que privilegiam as dimensões identitárias, históricas e relacionais. O não-lugar favorece uma circulação considerável de pessoas, objetos e imagens no mesmo espaço, transformando a nossa interação com o mundo, no qual mantemos relações a partir de mensagens e de sons que nos informam sobre como “devemos” agir. O não-lugar antropológico seria substituído pelos lugares da imaginação e,



Rafaella Prata Rabello; Christina Ferras Musse

estes, estariam contaminados pelas imagens do passado em busca de referências para o presente.

Segundo o sociólogo polonês Zygmunt Bauman, a vida contemporânea tem alterado a forma como as pessoas lidam com essas referências. Baseando-se em Marc Augé (1998), Bauman (2001) afirma que:

A cidade, como outras cidades, tem muitos habitantes, cada um com um mapa da cidade em sua cabeça. Cada mapa tem seus espaços vazios, ainda que em mapas diferentes eles se localizem em lugares diferentes. Os mapas que orientam os movimentos das várias categorias de habitantes não se superpõem, mas, para que qualquer mapa "faça sentido", algumas áreas da cidade devem permanecer sem sentido. Excluir tais lugares permite que o resto brilhe e se encha de significado (BAUMAN, 2001, p. 121).

O autor reforça que cada habitante tem a sua cidade, aquela que ele "reconhece" e que lhe é familiar. Talvez a nostalgia manifestada na virtualidade pelas páginas da *web* que resgatam a história da cidade e lançam debates sobre a antiga e a nova Juiz de Fora se justifica pelo desejo de que a memória coletiva estabeleça um parâmetro com elementos comuns que marcam determinado estilo do local.

Rosane Araujo (2011) observa uma cidade sempre em mutação que apresenta um conceito ampliado: a cidade virtualmente está em qualquer lugar, portanto "a cidade sou eu". Ela oferece reflexões sobre um espaço urbano com condições híbridas e transitórias cada vez mais propiciadas pelas tecnologias e trata o urbanismo como um dos artefatos do mundo de aspecto articulatório: do espaço dos fluxos, dos mercados eletrônicos e dos "centros" transterritoriais constituídos via a comunicação à distância de um ou mais conjunto de serviços informáticos fornecidos através de uma rede de telecomunicações. E o espaço como movente, indiferenciante, multifuncional, polimórfico e reversível.

Se considerarmos, também, a utilização plena do espaço virtual que é, ao mesmo tempo, público e privado, local e global, atópico e de outra geometria, podemos dizer que a cidade – como o local de troca, de comunicação, de interação, de moradia, de trabalho – está potencialmente em qualquer lugar. Os espaços e suas funcionalidades estão disseminados por toda parte (ARAUJO, 2011, p. 27).

A cidade virtual é ressignificada pela facilidade que os usuários têm em criá-la. Partindo desta reflexão, podemos questionar a pertinência de um exercício memorialístico em gerações que se acostumaram a viver da superficialidade, da fragilidade, do imediatismo e das





### *Facebook* e o compartilhamento de memórias da cidade no coletivo digital

rápidas transformações trazidas com as tecnologias de comunicação utilizadas na internet. Por isto, este olhar sobre o passado pode produzir novos significados atribuídos a Juiz de Fora, que busca esclarecer de que modo as lembranças afetam a cidade que vive no imaginário e ao mesmo tempo estabelece outras perspectivas da cidade real.

#### **4 A ressignificação da memória da cidade**

A memória da cidade é constituída por acontecimentos, lugares, pessoas, personagens. Através das fotos do *blog* conseguimos revelações de grandes monumentos e acontecimentos de diversas épocas. Na perspectiva de Halbwachs (2003) toda memória é coletiva, são os grupos sociais que determinam o que é memorável e as formas pelas quais se está lembrando. Até recentemente, apenas os grupos hegemônicos é que dominavam as narrativas do que deveria ser lembrado, portanto, até então, era mais fácil só percebermos representada a memória “oficial”, subjugada a interesses políticos e econômicos. Esse fenômeno, na contemporaneidade, é submetido a transformações constantes.

Atualmente as pessoas, grupos ou instituições se sentem autorizadas para consignarem suas lembranças, escrever, fotografar, filmar ou representar suas histórias, por seus autores e seus testemunhos: “Eu não conhecia Juiz de Fora antigamente, sou dos anos 1970, praticamente anterior a isso, não tinha memória de nada. Foi aí que eu decidi saber como era a cidade e isso despertou meu interesse para o *blog*” (LEMOS, 2014). Sendo assim, a *fanpage* “Maria do Resguardo” seria uma tentativa de resgatar a história, por necessidade de sobrevivência e reconstrução de uma memória fragmentada da cidade, não a memória das efemérides, dos grandes fatos históricos, mas a memória privada, dos pequenos eventos do cotidiano, permeada pelos afetos.

Em contraponto ao conceito de não-lugar, um segundo conceito que gostaríamos de trabalhar no artigo é o de lugares de memória do historiador francês Pierre Nora. O autor (1998) identifica “os lugares de memória” e afirma que se é necessário sacralizar a memória é porque ela não existe mais. Ele acredita que se habitássemos ainda nossa memória, não teríamos necessidade de lhe consagrar lugares. Os lugares da memória resultam dessa tensão entre o vivido, o narrado, o registrado e o esquecido da maneira como a sociedade os reorganiza: “os lugares da memória são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste





Rafaella Prata Rabello; Christina Ferras Musse

uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora” (NORA, 1998, p. 13). Esse estoque de memória serve para o que nos seria impossível lembrar. As novas significações dependem do que habita nos imaginários dos sujeitos com novas lembranças ou apagamentos. Nestes imaginários, ficam tensionadas a subjetividade individual e os discursos hegemônicos, estes últimos, seletivamente, nos indicam o quê lembrar, criando os “lugares de memória”, em que as mídias têm um papel especial. Em Juiz de Fora os “lugares de memória” estão representados em museus, nas bibliotecas, nos arquivos históricos... Mas, eles não dariam conta desta memória afetiva, privada, por isso, a necessidade de contar uma outra memória no *blog* e na *fanpage* e, aí, acabar construindo um novo “lugar de memória”, não mais sacralizado, mas que fará as pessoas lembrarem.

Em relação ao excesso de memória e valorização do passado, chegamos então a um conceito que gostaríamos de abordar que é o de excesso de memória, preconizado por Andreas Huyssen. A sensibilidade memorial desde a década de 1980, como observa Huyssen (2000), tem levado setores ligados à cultura a uma verdadeira obsessão pelo passado. Isso se dá porque a velocidade tem destruído o espaço, apagando a distância temporal. “Quanto mais memória armazenamos em banco de dados, mais o passado é sugado para a órbita do presente, pronto para ser acessado na tela” (HUYSSSEN, 2000, p. 74). E, assim, esse excesso de informação a que somos submetidos é causado pelo sentimento do medo de esquecimento. Por isso, tentamos combater esse sentimento com estratégias de rememoração pública e privada.

Entendemos que a *fanpage* funciona como lugar que congrega e armazena as referências dos juiz-foranos. Partindo da reflexão de Ciro Marcondes Filho de que “as tecnologias transformam a maneira de as pessoas recuperarem e utilizarem memórias. Como suportes da memória, funcionam como extensão da capacidade humana de armazenar e recuperar informações, conhecimentos e acontecimentos vividos, projetos e planos futuros” (MARCONDES, 1996, p. 314), julgamos que a rede social *Facebook* tem a capacidade de interferir nos acontecimentos memoráveis pela troca de lembranças entre os fãs de uma página.

A pesquisadora Lucia Santaella comenta sobre o deslizamento afetivo que ocorre no *Facebook*. Ela acredita que esta rede social promove a ampliação da memória na cooperação da *web 2.0*, gerando uma cultura participativa, assimilativa, da convivência.



### *Facebook* e o compartilhamento de memórias da cidade no coletivo digital

Ao descolar a subjetividade do sujeito, torna-se necessário traçar uma cartografia que vá além dos limites do indivíduo, levando o território do subjetivo até as maquinarias impessoais reguladoras da socialidade. É só no domínio dos arranjos coletivos que a subjetividade pode inventar arranjos singulares (SANTAELLA, 2003, p. 38).

Para a autora, a multiplicidade identitária do sujeito: “encontrou no ciberespaço os ambientes lúdicos nos quais se tornou possível brincar com as construções subjetivas e intersubjetivas” (SANTAELLA, 2003, p. 40). Na *fanpage* encontramos fotografias que mesclam passado e presente e que favorecem uma ressignificação da memória da cidade pela visualização e monumentos do passado. Os membros tentam desvendar, entender e preencher lacunas de uma narrativa, com registros que fazem parte da formação e da sustentação do imaginário social.

### **5 O coletivo digital da *fanpage* “Maria do Resguardo”**

Aproveitando a possibilidade de transitar entre o *blog* e o *Facebook*, o gestor do conteúdo “Maria do Resguardo” sempre disponibiliza *links* de um meio e do outro em suas postagens, o que incentiva o acesso ao *blog* pelos membros da *fanpage*, que são maioria. A página promove tanto a rememoração da cidade como também discussões sobre os impactos das alterações urbanas na sociabilidade da população local, possui vinte e oito álbuns de fotos, divididos aleatoriamente. Aparentemente, houve a tentativa de se categorizar as fotos, dividindo-as com os nomes dos marcadores utilizados no *blog*, tais como: “bairros” e “centro”, “praças” e “teatros”, “panorâmicas”, “bondes” além de fatos marcantes para a cidade, como uma grande enchente que acometeu Juiz de Fora na década de 1940. No entanto, devido ao caráter colaborativo da *fanpage*, as categorias acabaram por se confundir. Os integrantes participam ativamente comentando as postagens, fugindo a uma tendência atual de se “curtir” páginas apenas com o objetivo de participar de sorteios e promoções.

Em entrevista cedida para as autoras, o gestor, Marcelo Lemos, destacou que o levantamento das fotos que são postadas na página demanda tempo e investigação. Este trabalho leva a uma característica positiva desta *fanpage*: a maior parte das fotos possui uma descrição detalhada, característica não muito comum devido ao imediatismo das informações normalmente compartilhadas nas redes sociais. Ocasionalmente, alguma foto é publicada sem



Rafaella Prata Rabello; Christina Ferras Musse

descrição e o gestor solicita auxílio aos membros da página para localizar o endereço, data e situação que envolve a imagem. A página acaba se tornando um álbum de memórias com as narrativas da cidade no ambiente digital.

E sobre este coletivo de imagens, Armando Silva, pesquisador colombiano, defende que o álbum tradicional feito com fotos de papel não morreu. “Persiste em formatos digitais alimentando a mais poderosa rede mundial de intercâmbios de cópias com as quais construímos a imagem de nós mesmos. Agora diante de nossa família-mundo” (SILVA, 2008, p. 13). E as memórias de lugares ligados através do coletivo digital “podem constituir lugar importante para a memória do grupo, e, por conseguinte da própria pessoa, seja por tabela, seja por pertencimento a esse grupo” (POLLAK, 1992, p. 3). As trocas afetivas, melancólicas vão revelando memórias subterrâneas ou até desconhecidas da cidade.

As avaliações e medições da *fanpage* disponíveis para os administradores estavam liberadas para consulta. Durante o processo de pesquisa fizemos uma análise do conteúdo “postado”, com o objetivo de identificar as “cidades imaginadas” dos membros. Começamos a coleta de dados em maio de 2014, mês de aniversário da cidade. Optamos por uma análise não sequencial para termos uma visão mais abrangente do material. Sendo assim, os meses de julho e setembro também foram selecionados. O número de meses pretendia contemplar postagens do primeiro e segundo semestre com um *corpus* que permitisse uma avaliação mais criteriosa, que não fosse determinada por uma categoria específica de fotos que poderiam estar destacadas no período.

Utilizamos como metodologia a análise de conteúdo (AC) na abordagem de Laurence Bardin (2011), na qual a mensagem é o ponto de partida da AC, seja ela verbal (oral ou escrita), gestual, silenciosa, figurativa, documental ou diretamente provocada. O método “é um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (BARDIN, 2011, p. 44), possibilitando assim, a utilização de várias ferramentas metodológicas. A autora compara o analista a um arqueólogo – porque trabalha com vestígios de documentos – e, por isso, o pesquisador deve fazer “inferência” de conhecimentos (quantitativos ou não) no tratamento do material coletado para encontrar “significados” de natureza psicológica, sociológica, política, história, e entre outros. Também fizemos nesta pesquisa a “categorização” temática, que é uma operação de agrupamento de elementos sob títulos genéricos, que farão parte de uma tabela.



Facebook e o compartilhamento de memórias da cidade no coletivo digital

Em maio foram feitas 12 postagens com o alcance total de 37.571 visualizações e 540 compartilhamentos. No mês de julho o número de postagens foi de 111, sendo o maior da amostra, com alcance total de 193.114 visualizações e 1.984 compartilhamentos. Já no mês de setembro temos 27 postagens, mesmo sendo maior do que a amostra do primeiro mês, o alcance total foi de 18.303 visualizações e 210 compartilhamentos.

**Tabela 01** – Categorias de análises das imagens

Postagem	Assunto	Enquadramento	Personagens	Local (Região)	Autoria	Data
Foto 1 Maio	Nazismo	Geral	Sim	Centro	Não informado	Não
Foto2 Maio	Residência	Geral	Não	Centro	Não informado	Sim
Foto3 Maio	Bairro	Geral	Não	Norte	Não informado	Sim
Foto4 Maio	Bonde	Geral	Sim	Centro	Profissional	Não
Foto5 Maio	Nazismo	Geral	Sim	Nordeste	Não informado	Sim
Foto 6 Maio	Obras	Geral	Sim	Sul	Não informado	Sim
Foto7 Maio	Residência	Geral	Sim	Centro	Não informado	Sim
Foto 8 Maio	Trem	Grande plano geral	Não	não identificado	Não informado	Sim
Foto9 Maio	Personagem	Médio	Sim	Sul	Não informado	Sim
Foto10Maio	Personagem	Médio	Sim	Não	Não informado	Não
Foto 1 Julho	Residência	Geral	Não	Centro	Amador	Não
Foto2 Julho	Avenida Rio Branco	Grande plano geral	Não	Leste	Não informado	Não
Foto2 Julho	Avenida Rio Branco	Grande plano geral	Não	Leste	Não informado	Não
Foto de 3 Julho	Residência	Geral	Não	Centro	Não informado	Não
Foto 4 Julho	Residência	Geral	Não	Centro	Amador	Sim
Foto 4 Julho	Residência	Geral	Não	Centro	Amador	Sim
Foto5 Julho	Bairro	Geral	Não	Leste	Não informado	Sim
Foto 6 Julho	Cinema	Geral	Não	Centro	Não informado	Sim
Foto 7 Julho	Residência	Geral	Não	Centro	Não informado	Não
Foto 8 Julho	Residência	Detalhe	Não	Centro	Amador	Não



Rafaella Prata Rabello; Christina Ferras Musse

Foto 8 Julho	Residência	Detalhe	Não	Centro	Amador	Sim
Foto 8 Julho	Residência	Detalhe	Não	Centro	Amador	Não
Foto 8 Julho	Residência	Geral	Não	Centro	Amador	Não
Foto 9 Julho	Residência	Geral	Não	Centro	Profissional	Sim
Foto 9 Julho	Residência	Geral	Não	Centro	Profissional	Sim
Foto 10 Julho	Residência	Geral	Não	Centro	Amador	Sim
Foto 1 Setembro	Avenida Rio Branco	Geral	Sim	Centro	Profissional	Não
Foto 2 Setembro	Avenida Rio Branco	Grande plano geral	Não	Centro	Profissional	Sim
Foto 3 Setembro	Avenida Rio Branco	Grande plano geral	Não	Centro	Profissional	Sim
Foto 4 Setembro	Represa	Geral	Sim	Norte	Não informado	Sim
Foto 4 Setembro	Represa	Geral	Sim	Norte	Não informado	Sim
Foto 5 Setembro	Escola Normal	Geral	Não	Centro	Profissional	Sim
Foto 5 Setembro	Escola Normal	Grande plano geral	Não	Centro	Profissional	Sim
Foto 6 Setembro	Mercado	Geral	Não	Centro	Não informado	Sim
Foto 6 Setembro	Mercado	Geral	Sim	Centro	Não informado	Sim
Foto 6 Setembro	Mercado	Geral	Não	Centro	Não informado	Sim
Foto 6 Setembro	Mercado	Geral	Sim	Centro	Não informado	Sim
Foto 7 Setembro	Rio Paraibuna	Grande plano geral	Não	Sudeste	Não informado	Sim
Foto 8 Setembro	Personagem	Geral	Sim	não identificado	Não informado	Sim
Foto 9 Setembro	Carro	Geral	Não	Centro	Não informado	Sim
Foto 10 Setembro	Personagem	Geral	Sim	Centro	Não informado	Sim

Fonte: Elaboração própria

O interesse por temas variados como nazismo, bonde, cinema ou represa é uma característica das postagens. Isto ocorre porque as publicações dependem da subjetividade do gestor. A categoria “residências” é o tema de 14 fotografias, sendo o assunto mais recorrente da amostra de postagens. Podemos atribuir o sucesso da temática ao fato de que Juiz de Fora



*Facebook e o compartilhamento de memórias da cidade no coletivo digital*

possuía uma arquitetura eclética e também porque a maioria dos imóveis pertencia a famílias abastadas e muito conhecidas na cidade.

A maioria das imagens está em plano geral, provavelmente para registrar as residências na totalidade. Os equipamentos utilizados pelos autores desconhecidos ou amadores poderiam dificultar a produção de fotos mais elaboradas. Na amostra de 40 fotografias, apenas seis imagens são internas e a maioria é diurna. Elas quase não possuem personagens, salvo em fotos institucionais ou fotografias que reúnem um grupo de pessoas. Os registros são dedicados a monumentos ou lugares lembrados pela coletividade, sendo vários destes no Centro da cidade, tais como: a Escola Normal, o antigo prédio da Prefeitura na Avenida Rio Branco, o Parque Halfeld. É válido ressaltar que o Centro de Juiz de Fora possui grande circulação diária de pessoas devido aos pontos comerciais concentrados nesta região. A memória individual do gestor neste período retratado parece privilegiar apenas o caráter monumental.

As fotografias são feitas predominantemente por autores não identificados, que tiveram a iniciativa de guardar um documento do que existiu, através de imagens. Entre as identificadas, parece existir um equilíbrio de fotos profissionais e amadoras. As datas estão na maioria das postagens e demonstram que esta amostra do acervo privilegia um período histórico entre 1950 e 1980, possivelmente pela popularização de máquinas fotográficas, a partir da segunda metade do século XX.

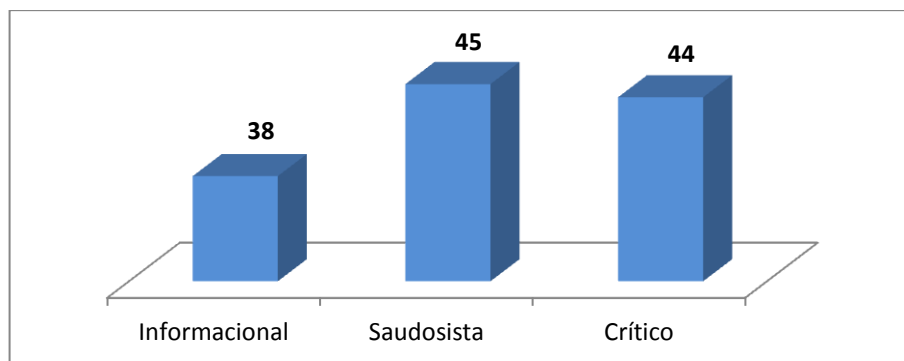
Em cada postagem agrupamos os comentários mais significativos da amostragem. A partir do material coletado, fizemos um estudo da memória que habita nos membros da *fanpage* através da criação de três categorias: o comentário saudosista, no qual os membros da *fanpage* exaltam um passado glorioso da cidade ligado ao afeto pelo monumental; informacional, em que são objetivos e oferecem dados como localização, data nomes de personagens, etc.; crítico, que revela o desprezo dos membros pela não preservação do patrimônio arquitetônico.

O gráfico abaixo mostra os números totais de comentários por categoria. Mas, deixamos claro que alguns deles possuem elementos em duas categorias.



Rafaella Prata Rabello; Christina Ferras Musse

**Gráfico 01** – Comentários totais nos meses de análise



Fonte: Elaboração própria.

O número de comentários saudosistas é o maior, o que comprova a forte tendência dos juiz-foranos de olhar para o passado da cidade de modo idealizado. Para chegarmos a esta categoria de análise dos comentários, optamos por verificar as palavras com maior número de repetições. Encontramos expressões que fazem parte do mesmo campo semântico: lembrança, recordação e memória com 11 menções; linda, bela com 05 menções; demolida, derrubada, perda, acabada, destruída com 09 menções; patrimônio, preservada com 07 menções; triste, lamento, saudade com 13 menções.

Os membros sentem falta de “lugares de memória” com os quais se identificam ou têm sensação de pertencimento. Isso pode ser percebido através de comentários que fazem referência a locais que frequentaram em etapas da vida como a infância: “Morei lá durante alguns anos, em fases diferentes da minha vida.” C.S.L.; “Nasci neste bairro em 1960...” L.X.; “Foram muitos passeios até Matias nos domingos de manhã na minha infância!” V.G.

Os “críticos” são relativos aos membros que deixam mensagens favoráveis ou contra as demolições do patrimônio. Nos comentários as pessoas deixam clara a aversão ao fato de que existiam lugares com estilos arquitetônicos diferenciados e foram demolidos por conta de especulação imobiliária da cidade, por exemplo: “A culpa da perda desses imóveis antigos é a ganância dos herdeiros em vendê-los assim que seus entes morrem. E aí sobra para os cofres públicos intervirem e comprar o imóvel com dinheiro público”. A.M. (Trechos extraídos da *fanpage* “Maria do Resguardo”).

Em contrapartida, alguns membros não creem que a memória pessoal deva interferir para que as pessoas tenham apego aos locais e/ou monumentos, como no trecho: “Depois





*Facebook* e o compartilhamento de memórias da cidade no coletivo digital

reclamam que Juiz de Fora é uma cidade atrasada e não evolui. A culpa taí, toda de vocês, que não deixam a cidade crescer e se modernizar!” H.M. (Trechos extraídos da *fanpage* “Maria do Resguardo”). As demonstrações da admiração pela cidade do passado se sobressaem quando comparadas com os comentários que defendem o progresso através da modernização.

Os informacionais aparecem de modo equilibrado pela necessidade de referências que os membros possuem para ativar as memórias, tais como: “Esta foto foi tirada da esquina da Rua Eng. Otto Salzer com a Rua Bernardo Mascarenhas. A primeira casa da direita é a casa dos meus avós José Julião e Carolina Brugger Julião, número 621.” J. (Trechos extraídos da *fanpage* “Maria do Resguardo”). São lembradas datas, rotinas dos moradores de algum bairro citado, nomes de personagens, curiosidades.

## 6 Considerações finais

A dimensão espacial, arquitetônica e monumental é trabalhada no *blog* e na *fanpage* através de 15 mil fotografias antigas expostas em preto e branco e nesta seleção de publicações feita por Marcelo Lemos são privilegiados alguns aspectos que evidenciam uma cidade de passado glorioso e ingênuo: diurna, organizada, repleta de construções burguesas. Há uma ideia de equilíbrio nos ambientes registrados. A cidade construída na página é de um passado confortável, que nos leva a um lugar de encontro e identificação ao remontar às origens e à opulência de Juiz de Fora com as residências de industriais, que desperta a saudade dos membros.

Existem mais fotos de lugares e monumentos do que de pessoas, estabelecendo um distanciamento entre o público e o privado porque não são postados aspectos da vida comum, situações em família, fotos de si, algo muito diferente da exposição narcísica que observamos em redes sociais na atualidade. Outra questão curiosa é que encontramos poucas postagens de fotojornalismo, numa cidade em que a imprensa de papel foi tão fundamental para o registro do cotidiano. A maioria das imagens é apropriada de outros autores: não é do criador do *blog* ou dos colaboradores. É interessante considerar também que não são os próprios fotógrafos ou a família deles que publicam as fotos.



Rafaella Prata Rabello; Christina Ferras Musse

A fotografia reporta a atmosfera de um espaço e exprime sentimentos de um tempo, mas não permite a completude na transmissão de significados. Daí a importância da página, que consegue o nome, a data e o local do conteúdo nas fotos que fixam o mutável e documentam o efêmero, no caso, o patrimônio arquitetônico. Ao longo das observações percebemos que a *fanpage* e o *blog* são sincronizados e o gestor busca constantemente promover a interação entre essas mídias.

A partir das postagens, os membros da *fanpage* manifestam as memórias individuais e discutem também as memórias coletivas. Locais públicos, prédios, meios de locomoção e eventos são destacados quando já não existem mais. A impossibilidade de visitar um local ou participar de uma situação cotidiana do passado gera uma grande nostalgia entre os usuários. A rememoração também serve como motivação para buscar a preservação do patrimônio histórico/cultural da cidade.

O imaginário de Juiz de Fora se encontra disperso em meio a essas novas manifestações da memória coletiva que privilegiam a construção de uma narrativa de identidade e de segurança, em oposição ao caos do espaço real. Esse *boom* que vem se apresentando nas redes sociais, através de grupos do *Facebook*, *blogse sites* que desejam tratar do assunto, revelam essa condição de angústia pela preservação da memória como resposta à aceleração do tempo e à fugacidade do contemporâneo.

## Referências

ACERVO FOTOGRAFIAS MUSEU MARIANO PROCÓPIO, 2013, Londrina. **Anais**. Londrina, PR. Universidade Estadual de Londrina (UEL), 2013. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/eneimagem/2013/anais2013/trabalhos/pdf/Rosane%20Carmanini%20Ferraz.pdf>>. Acesso em: 02 mar. 2014.

ARAÚJO, Rosane Azevedo de. **A cidade sou eu**. Rio de Janeiro: Novamente, 2011.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.



*Facebook* e o compartilhamento de memórias da cidade no coletivo digital

ESTADAO. **Números do Facebook no Brasil.** Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/link/os-numeros-do-Facebook-no-brasil/>>. Acesso em: 02 ago. 2015.

FACEBOOK. Rede social. Disponível em: <<http://www.agenciars.com.br/blog/historia-do-facebook-mark-zuckerberg/>> Acesso em: 02 ago 2015.

FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de. **Narrativas migrantes:** literatura roteiro e cinema. Rio de Janeiro: Ed. PUC – Rio: 7 Letras, 2010.

G1. Portal de notícias da Globo. Internautas do Brasil no *Facebook*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/08/oito-cada-dez-internautas-do-brasil-estao-no-facebook-diz-rede-social.html> >. Acesso em: 20 ago. 2015.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2003.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória:** arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=313670> >. Acesso em: 23 jul. 2015.

MUSSE, Ferras Christina. Imprensa e a memória do lugar: Juiz de fora (1870/1940). In: XII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sudeste (INTERCOM), 2007, Juiz de Fora, MG. **Anais.** Juiz de Fora. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2007. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2007/resumos/R0083-1.pdf>>. Acesso em: 02 ago. 2015.

JARDIM, Raquel. **Cheiros e ruídos:** estórias [por] Rachel Jardim. Rio de Janeiro, J. Olympio; Brasília: INL, 1975. 78p.

LEMOS, Marcelo. Entrevista concedida a autora Acesso em: novembro de 2014

MARCONDES F., Ciro (org). **Pensar - pulsar.** Cultura comunicacional, tecnologias, velocidade. São Paulo, Edições NTC, 1996.

LYOTARD, Jean-François. **A Condição Pós-Moderna.** 2ª ed., Lisboa, 1989.

MURRAY. Janet H. **Hamlet no holodeck:** o futuro da narrativa no ciberespaço. São Paulo: Itaú Cultural: Unesp, 2003.

NAVA, Pedro. **Baú de ossos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História** n.17. São Paulo: PUC, p.7-15, novembro de 1998.



Rafaella Prata Rabello; Christina Ferras Musse

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

SANTAELLA. Lucia. **Culturas e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

SILVA, Armando. **Álbum de família**: a imagem de nós mesmos. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

**WEB 2.0**. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/informatica/web-20.htm>>. Acesso em: 10 ago. 2015.

Artigo recebido em julho de 2015  
e aprovado em outubro de 2015